

MANUAL DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Raymond Quivy
Luc Van Campenhout

Biografia dos autores

Raymond Quivy

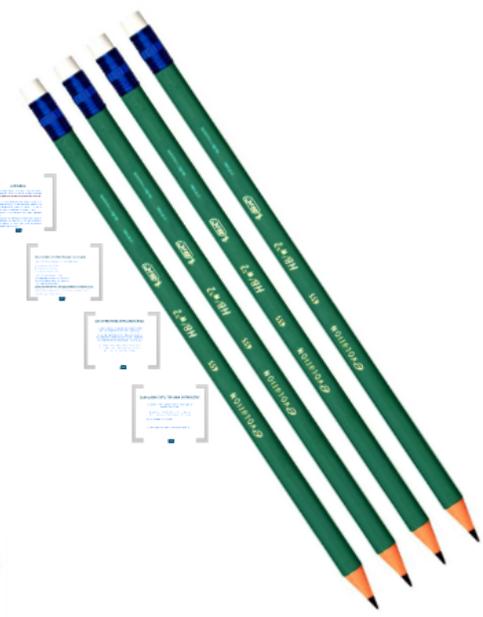
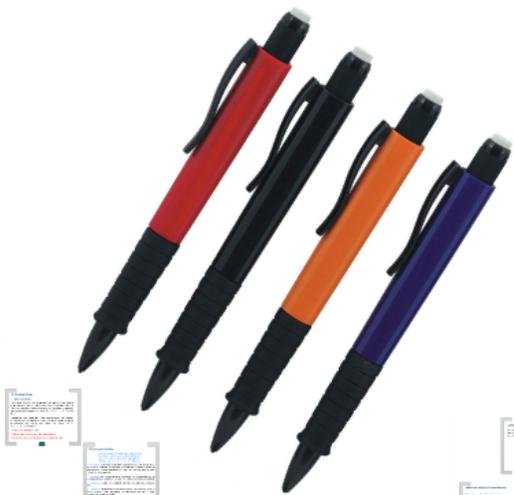
Enseñante de Ciências Sociais e Diretor de Investigações Científicas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Foi também investigador em áreas relacionadas com a Psicologia e a Sociologia.



Luc Van Campenhout

Enseñante de Métodos de Investigação em Ciências Sociais e Diretor de Investigações Científicas na Universidade de Liège, Bélgica. Foi também investigador em áreas relacionadas com a Sociologia, Sociologia Política, Sociologia Urbana e Comunicação.

1103



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Quivy, Raymond e Van Campenhout, Luc. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2.ª edição. 1997. 280p.
Quivy, Raymond e Van Campenhout, Luc. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 1.ª edição. 1987. 280p.
Quivy, Raymond e Van Campenhout, Luc. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 3.ª edição. 1997. 280p.
Quivy, Raymond e Van Campenhout, Luc. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 4.ª edição. 1997. 280p.

1103

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PósARQ
Disciplina: Metodologia Científica Aplicada
Professora: Sonia Afonso
Grupo: Douglas Brombilla, Isabele Fritsche,
Jose Leal, Juliano Miotto e Vivian Delatorre



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PósARQ

Disciplina: Metodologia Científica Aplicada
Professora: Sonia Afonso

**Grupo: Douglas Brombilla, Isabele Fritsche,
Jose Leal, Juliano Miotto e Vivian Delatorre**

Biografia dos autores

Raymond Quivy

Doutor em Ciências Políticas e Sociais da Universidade Católica de Louvain Louvain-la-Neuve/Bélgica e Professor da Universidade Católica de Mons Valóvia/Bélgica escola onde leciona Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais.



Luc Van Campenhout

Bacharel em Filosofia, Graduado em Sociologia e Doutor em Sociologia. Professor na Universidade de St. Louis Bruxelas/Bélgica. Ensinamentos: Sociologia, Sociologia Política, Espaço Público e Conhecimento e Mídia.

1. Os objetivos

1.1. Objetivos gerais

"Não pode exigir-se ao responsável do projecto que domine minuciosamente todas as técnicas necessárias. O seu papel específico será o de conceber o conjunto do projecto e coordenar as operações com o máximo de coerência e eficácia." (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.15)

"Quando um investigador, profissional ou principiante, sente grandes dificuldades no seu trabalho, as razões são quase sempre de ordem metodológica, no sentido que damos ao termo." (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.16)

"Já não sei em que ponto estou"

"tenho a impressão de já nem saber o que procuro"

"não faço a mínima ideia do que hei-de fazer para continuar"

1.2 Concepção didática

"Uma investigação social não é, pois, uma sucessão de métodos e técnicas esteriotipadas que bastaria aplicar tal e qual se apresentam, numa ordem imutável." (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.18)

1ª Precaução - No entanto, recomenda-se uma primeira leitura integral antes de iniciar os trabalhos de aplicação, de modo que a coerência global do procedimento seja bem apreendida e as sugestões sejam aplicadas de forma flexível, crítica e inventiva.

2ª Precaução - realizar constantemente o recuo crítico, de modo que o leitor seja regularmente levado a refletir com lidez sobre o sentido do seu trabalho.

3ª Precaução - a obra está elaborada com base em numerosos exemplos reais.

4ª Precaução - compreender imediatamente que o significado e o interesse destas diferentes etapas não podem ser corretamente avaliadas se forem retiradas do seu contexto global.

1.3 Investigações em ciências sociais

"O que é que, na melhor das hipóteses, se aprende de fato no fim daquilo que é geralmente qualificado como trabalho de investigação em ciências sociais?"
(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.18)

"Em ciências sociais temos de nos proteger de dois defeitos opostos: um cientifismo ingênuo que consiste em crer na possibilidade de estabelecer verdades definitivas e de adotar um rigor análogo ao dos físicos ou dos biólogos, ou, inversamente, um ceticismo que negaria a própria possibilidade de conhecimento científico." (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.20)

2. O procedimento

"No início de uma investigação ou de um trabalho, o cenário é quase sempre idêntico. Sabemos vagamente que queremos estudar tal ou tal problema." (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.20)

Este caos original não deve ser motivo de inquietação; pelo contrário, é a marca de um espírito que não se alimenta de simplismos e de certezas estabelecidas. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.21)

- a) A gula livresca ou estatística
- b) A passagem às hipóteses
- c) A ênfase que obscurece

2.2 Etapas do procedimento

- Um procedimento é uma forma de progredir em direção a um objetivo.
- Os métodos não são mais do que formalizações particulares do procedimento, percursos diferentes concebidos para estarem mais adaptados aos fenômenos ou domínios estudados.

6/23

2.2 Etapas do procedimento

- Um procedimento é uma forma de progredir em direção a um objetivo.
- Os métodos não são mais do que formalizações particulares do procedimento, percursos diferentes concebidos para estarem mais adaptados aos fenômenos ou domínios estudados.

MANUAL DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Raymond Quivy
Luc Van Campenhoutt

Biografia dos autores

Raymond Quivy

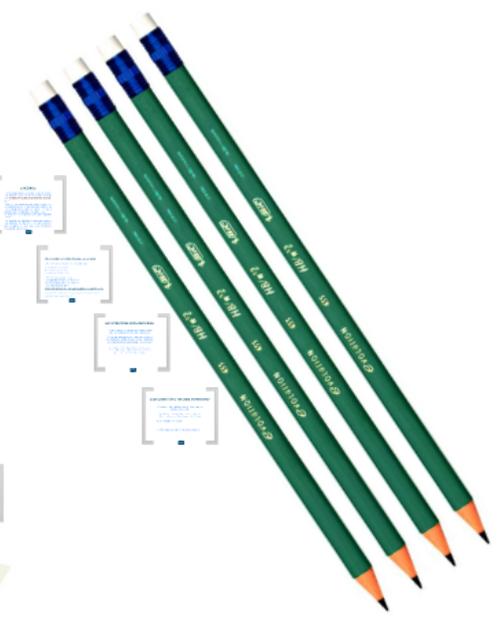
Enseñante de Ciências Políticas e Sociologia na Universidade Católica de Louvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica e Professor de Metodologia Científica na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.



Luc Van Campenhoutt

Enseñante de Ciências Políticas e Sociologia na Universidade Católica de Louvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica e Professor na Universidade de St. Luc, Brussels, Belgium.

1978



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Quivy, Raymond. Metodologia Científica: Manual de Investigação em Ciências Sociais. 1978. 198 pp. 1980. 200 pp. 1982. 200 pp. 1984. 200 pp. 1986. 200 pp. 1988. 200 pp. 1990. 200 pp. 1992. 200 pp. 1994. 200 pp. 1996. 200 pp. 1998. 200 pp. 2000. 200 pp. 2002. 200 pp. 2004. 200 pp. 2006. 200 pp. 2008. 200 pp. 2010. 200 pp. 2012. 200 pp. 2014. 200 pp. 2016. 200 pp. 2018. 200 pp. 2020. 200 pp.

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PósARQ
Disciplina: Metodologia Científica Aplicada
Professora: Sonia Afonso
Grupo: Douglas Brombilla, Isabele Fritsche,
Jose Leal, Juliano Miotto e Vivian Delatorre

a) Os três atos do Procedimento

A Ruptura – primeiro ato construtivo

“A ruptura consiste precisamente em romper preconceitos e as falsas evidências, que nos dão a ilusão de compreendermos as coisas”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.26)

A Construção

“As proposições devem ser produto de um trabalho racional, fundamentado na lógica e numa bagagem conceptual validamente construída” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.26)

A verificação

“Uma proposição só tem direito ao estatuto científico na medida em que pode ser verificada pelos factos”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.26) --> VERIFICAÇÃO OU EXPERIMENTAÇÃO

a) Os três atos do Procedimento

A Ruptura – primeiro ato construtivo

“A ruptura consiste precisamente em romper preconceitos e as falsas evidências, que nos dão a ilusão de compreendermos as coisas”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.26)

A Construção

“As proposições devem ser produto de um trabalho racional, fundamentado na lógica e numa bagagem conceptual validamente construída” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.26)

A verificação

“Uma proposição só tem direito ao estatuto científico na medida em

a) Os três atos do Procedimento

A Ruptura – primeiro ato construtivo

“A ruptura consiste precisamente em romper preconceitos e as falsas evidências, que nos dão a ilusão de compreendermos as coisas”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.26)

A Construção

“As proposições devem ser produto de um trabalho racional, fundamentado na lógica e numa bagagem conceptual validamente construída” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.26)

A verificação

“Uma proposição só tem direito ao estatuto científico na medida em que pode ser verificada pelos factos”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.26) --> VERIFICAÇÃO OU EXPERIMENTAÇÃO

falsas evidências, que nos dão a ilusão de compreendermos as coisas”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.26)

A Construção

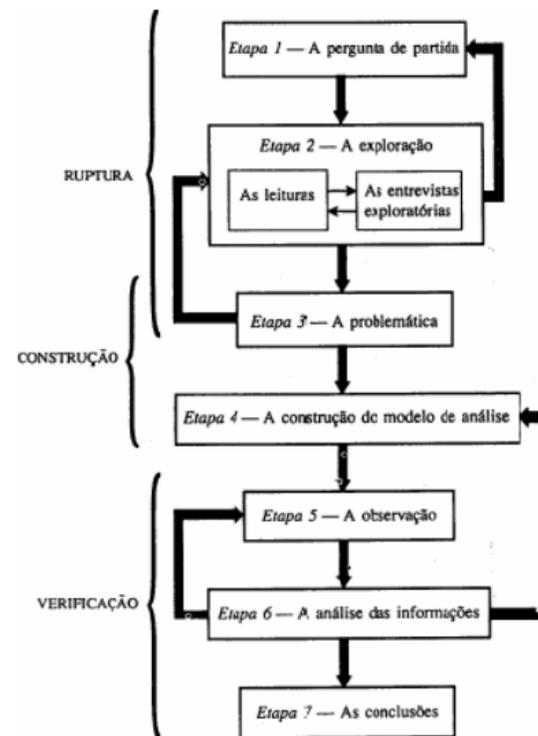
“As proposições devem ser produto de um trabalho racional, fundamentado na lógica e numa bagagem conceptual validamente construída” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.26)

A verificação

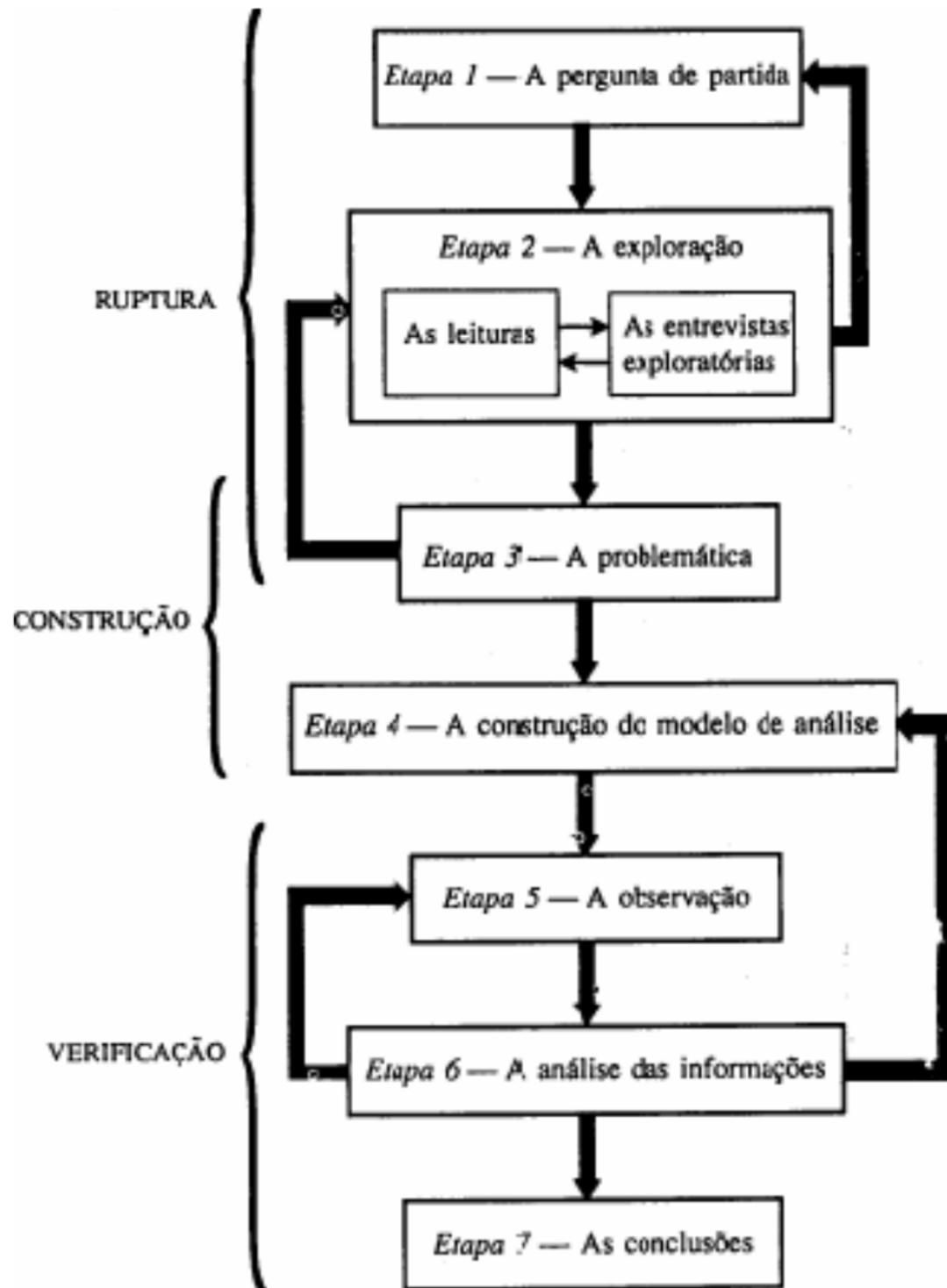
“Uma proposição só tem direito ao estatuto científico na medida em que pode ser verificada pelos factos”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.26) --> VERIFICAÇÃO OU EXPERIMENTAÇÃO

AS SETE ETAPAS DO PROCEDIMENTO

“Os três actos científicos do procedimento são realizados ao longo de uma sucessão de operações que são reagrupados em sete etapas”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.28)



F. Fonte: (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.27)



Os Objetivos

“Uma investigação é, por definição, algo que se procura”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.30)

“Pouco importa que este ponto de partida pareça banal e que a reflexão do investigador não lhe pareça ainda totalmente madura; pouco importa que, como é provável, ele mude de perspectiva ao longo do caminho”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.30)

“Este ponto de partida é apenas provisório, como um acampamento-base que os alpinistas constroem para prepararem a escalada de um cume e que abandonarão por outros acampamentos mais avançados até iniciarem assalto final”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.30)

Os Objetivos

“Uma investigação é, por definição, algo que se procura”. (QUIVY;
CAMPENHOUDT, 1998, p.30)

“Pouco importa que este ponto de partida pareça banal e que a reflexão do
investigador não lhe pareça ainda totalmente madura; pouco importa que,
como é provável, ele mude de perspectiva ao longo do caminho”. (QUIVY;
CAMPENHOUDT, 1998, p.30)

“Este ponto de partida é apenas provisório, como um acampamento-base
que os alpinistas constroem para prepararem a escalada de um cume e que

Os Objetivos

“Uma investigação é, por definição, algo que se procura”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.30)

“Pouco importa que este ponto de partida pareça banal e que a reflexão do investigador não lhe pareça ainda totalmente madura; pouco importa que, como é provável, ele mude de perspectiva ao longo do caminho”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.30)

“Este ponto de partida é apenas provisório, como um acampamento-base que os alpinistas constroem para prepararem a escalada de um cume e que abandonarão por outros acampamentos mais avançados até iniciarem assalto final”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.30)

CAMPENHOUDT, 1998, p.30)

“Pouco importa que este ponto de partida pareça banal e que a reflexão do investigador não lhe pareça ainda totalmente madura; pouco importa que, como é provável, ele mude de perspectiva ao longo do caminho”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.30)

“Este ponto de partida é apenas provisório, como um acampamento-base que os alpinistas constroem para prepararem a escalada de um cume e que abandonarão por outros acampamentos mais avançados até iniciarem assalto final”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.30)

1. UMA BOA FORMA DE ATUAR

Pergunta de Partida → Eixo Central

“Autores mais conceituados não hesitam em anunciar os seus projetos de investigação sob a forma de perguntas simples e claras, ainda que, na realidade, essas perguntas tenham subjacente uma sólida reflexão teórica”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.32)

“há que admitir que o investigador, principiante ou já com alguma prática, amador ou profissional, ocasional ou regular, não pode dar-se ao luxo de omitir este exercício, mesmo que as suas pretensões teóricas sejam infinitamente mais modestas e o seu campo de pesquisa mais restrito”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.33)

2. OS CRITÉRIOS DE UMA BOA PERGUNTA DE PARTIDA

PERGUNTA DE PARTIDA → DEVE SER FORMULADA CORRETAMENTE → NÃO É UMA TAREFA FÁCIL

“O conjunto das qualidades requeridas pode resumir-se em algumas palavras: uma boa pergunta de partida deve poder ser tratada. Isto significa que se deve poder trabalhar eficazmente a partir dela [...] deve ser possível fornecer elementos para lhe responder”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.35)

1. UMA BOA FORMA DE ATUAR

Pergunta de Partida → Eixo Central

“Autores mais conceituados não hesitam em anunciar os seus projetos de investigação sob a forma de perguntas simples e claras, ainda que, na realidade, essas perguntas tenham subjacente uma sólida reflexão teórica”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.32)

“há que admitir que o investigador, principiante ou já com alguma prática, amador ou profissional, ocasional ou regular, não pode dar-se ao luxo de omitir este exercício, mesmo que as suas pretensões teóricas sejam infinitamente mais modestas e o seu campo de pesquisa mais restrito”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.33)

2. OS CRITÉRIOS DE UMA BOA PERGUNTA DE PARTIDA

PERGUNTA DE PARTIDA → DEVE SER FORMULADA CORRETAMENTE → NÃO É UMA TAREFA FÁCIL

“O conteúdo das questões levantadas pode ser dividido em algumas

1. UMA BOA FORMA DE ATUAR

Pergunta de Partida → Eixo Central

“Autores mais conceituados não hesitam em anunciar os seus projetos de investigação sob a forma de perguntas simples e claras, ainda que, na realidade, essas perguntas tenham subjacente uma sólida reflexão teórica”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.32)

“há que admitir que o investigador, principiante ou já com alguma prática, amador ou profissional, ocasional ou regular, não pode dar-se ao luxo de omitir este exercício, mesmo que as suas pretensões teóricas sejam infinitamente mais modestas e o seu campo de pesquisa mais restrito”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.33)

2. OS CRITÉRIOS DE UMA BOA PERGUNTA DE PARTIDA

PERGUNTA DE PARTIDA → DEVE SER FORMULADA CORRETAMENTE → NÃO É UMA TAREFA FÁCIL

“O conjunto das qualidades requeridas pode resumir-se em algumas palavras: uma boa pergunta de partida deve poder ser tratada. Isto significa que se deve poder trabalhar eficazmente a partir dela [...] deve ser possível fornecer elementos para lhe responder”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.35)

profissional, ocasional ou regular, não pode dar-se ao exercício, mesmo que as suas pretensões teóricas sejam mais modestas e o seu campo de pesquisa mais limitado. (CAMPENHOUDT, 1998, p.33)

2. OS CRITÉRIOS DE UMA BOA PERGUNTA DE PARTIDA

PERGUNTA DE PARTIDA → DEVE SER FORMULADA CORRETAMENTE → NÃO É UMA TAREFA FÁCIL

“O conjunto das qualidades requeridas pode resumir-se em algumas palavras: uma boa pergunta de partida deve poder ser tratada. Isto significa que se deve poder trabalhar eficazmente a partir dela [...] deve ser possível fornecer elementos para lhe responder”. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.35)

10/23

MANUAL DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Raymond Quivy
Luc Van Campenhoutt

Biografia dos autores

Raymond Quivy

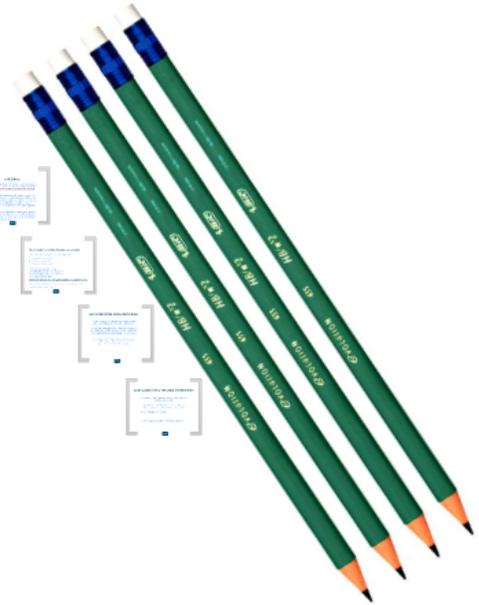
Enseñante de Ciências Políticas e Sociologia na Universidade Católica de Louvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica e Professor de Metodologia Científica na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.



Luc Van Campenhoutt

Enseñante de Ciências Políticas e Sociologia na Universidade Católica de Louvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica e Professor de Metodologia Científica na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

1978



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Quivy, Raymond. Metodologia Científica: Manual de Investigação em Ciências Sociais. 1978. 198 pp. 1980. 200 pp. 1982. 200 pp. 1984. 200 pp. 1986. 200 pp. 1988. 200 pp. 1990. 200 pp. 1992. 200 pp. 1994. 200 pp. 1996. 200 pp. 1998. 200 pp. 2000. 200 pp. 2002. 200 pp. 2004. 200 pp. 2006. 200 pp. 2008. 200 pp. 2010. 200 pp. 2012. 200 pp. 2014. 200 pp. 2016. 200 pp. 2018. 200 pp. 2020. 200 pp.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PósARQ
Disciplina: Metodologia Científica Aplicada
Professora: Sonia Afonso
Grupo: Douglas Brombilla, Isabele Fritsche,
Jose Leal, Juliano Miotto e Vivian Delatorre

A PERGUNTA DE PARTIDA

A Melhor forma de começar um trabalho de investigação em ciências sociais consiste em esforçar-se por enunciar o projeto sob a forma de uma pergunta de partida. Com esta pergunta, o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível àquilo que procura saber, elucidar, compreende melhor. A pergunta de partida servirá de primeiro fio condutor da investigação. (Quivy; Campenhoudt, 1998, p. 44).

Para desempenhar corretamente a sua função, a pergunta de partida deve apresentar qualidades de clareza, de exequibilidade e de pertinência:

- Qualidades de clareza: ser precisa, ser concisa e unívoca.
- Qualidades de exequibilidade: ser realista.
- Qualidades de pertinência: ser uma verdadeira pergunta, abordar o estudo do que existe, basear o estudo da mudança no do funcionamento, ter uma intenção de compreensão dos fenômenos estudados (Quivy; Campenhoudt, 1998, p. 44).

A FORMULAÇÃO DE UMA PERGUNTA DE PARTIDA

Se vai iniciar um trabalho de investigação social sozinho ou em grupo, ou se tenciona começá-lo em breve, pode considerar este exercício a primeira etapa desse trabalho. Mesmo no caso de seu estudo já estar iniciado, isso pode ajudar a focar melhor as suas preocupações.

Para quem começa uma investigação seria muito imprudente cumprir precipitadamente esta etapa. Dedique uma hora, um dia ou uma semana de trabalho. Realize este exercício sozinho ou em grupo, com a ajuda crítica de colegas, amigos, professores ou formadores. Vá trabalhando a sua pergunta de partida até obter uma formulação satisfatória e correta. Efetue esse exercício com todo o cuidado que merece. Despachar rapidamente esta etapa do trabalho seria o seu primeiro erro, e o mais caro, pois nenhum trabalho pode ser bem sucedido se for incapaz de decidir à partida e com clareza, mesmo que provisoriamente, aquilo que deseja conhecer melhor.

(Quivy; Campenhoudt, 1998, p. 45).

O resultado deste precioso exercício não ocupará mais de duas ou três linhas numa folha de papel, mas constituirá o verdadeiro ponto de partida do seu trabalho.

Para levar este a bom termo pode proceder do seguinte modo:

- Formular um projeto de pergunta de partida.
- Teste a pergunta de partida junto das pessoas que o rodeiam, de modo a assegurar-se de que ela é clara e precisa e, portanto compreendida da mesma forma por todas.
- Verifique se ela possui igualmente as outras qualidades.
- Reformule-a, caso não seja satisfatória, e recomece todo o processo.

(Quivy; Campenhoudt, 1998, p. 45).

MANUAL DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Raymond Quivy
Luc Van Campenhoutt

Biografia dos autores

Raymond Quivy

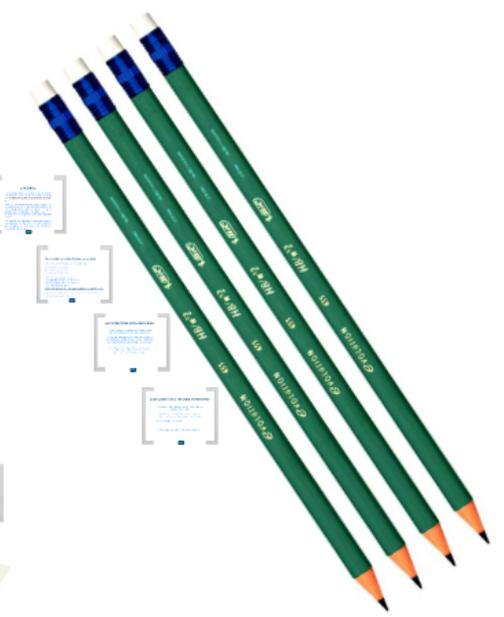
Enseñante de Ciências Políticas e Sociologia na Universidade Católica de Louvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica e Professor de Metodologia Científica de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil, onde também realizou pesquisas em Ciências Sociais.



Luc Van Campenhoutt

Enseñante de Ciências Políticas e Sociologia na Universidade Católica de Louvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica e Professor de Metodologia Científica de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil, onde também realizou pesquisas em Ciências Sociais.

1974

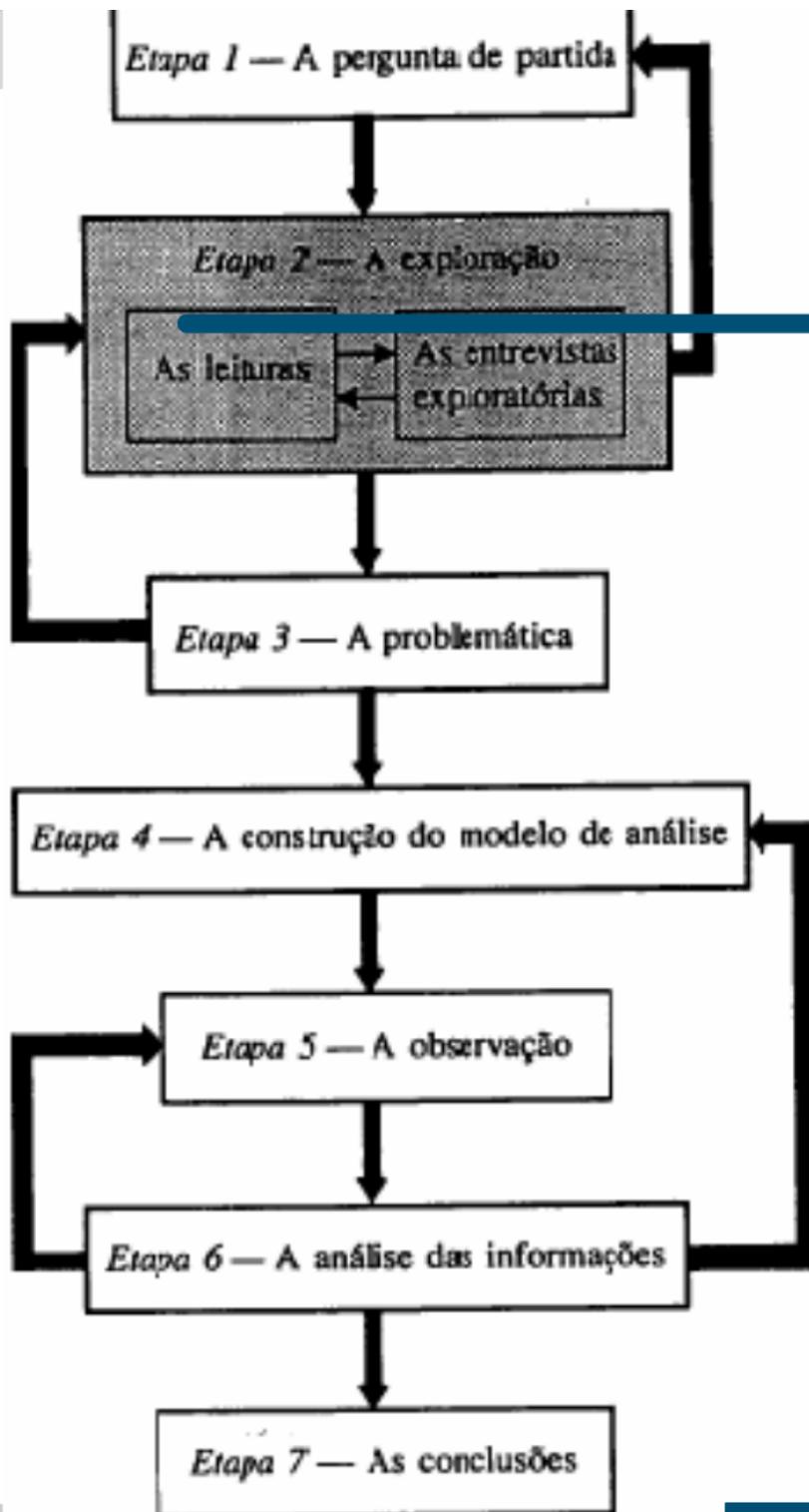


REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Quivy, Raymond. Metodologia Científica. Lisboa: Fundação Calisto Tanzi, 1974.
Quivy, Raymond. Metodologia Científica. Lisboa: Fundação Calisto Tanzi, 1974.
Quivy, Raymond. Metodologia Científica. Lisboa: Fundação Calisto Tanzi, 1974.
Quivy, Raymond. Metodologia Científica. Lisboa: Fundação Calisto Tanzi, 1974.
Quivy, Raymond. Metodologia Científica. Lisboa: Fundação Calisto Tanzi, 1974.

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PósARQ
Disciplina: Metodologia Científica Aplicada
Professora: Sonia Afonso
Grupo: Douglas Brombilla, Isabele Fritsche,
Jose Leal, Juliano Miotto e Vivian Delatorre



Segunda Etapa- A Exploração

PROCEDIMENTOS para se ter qualidade de informação:

1. Leitura:

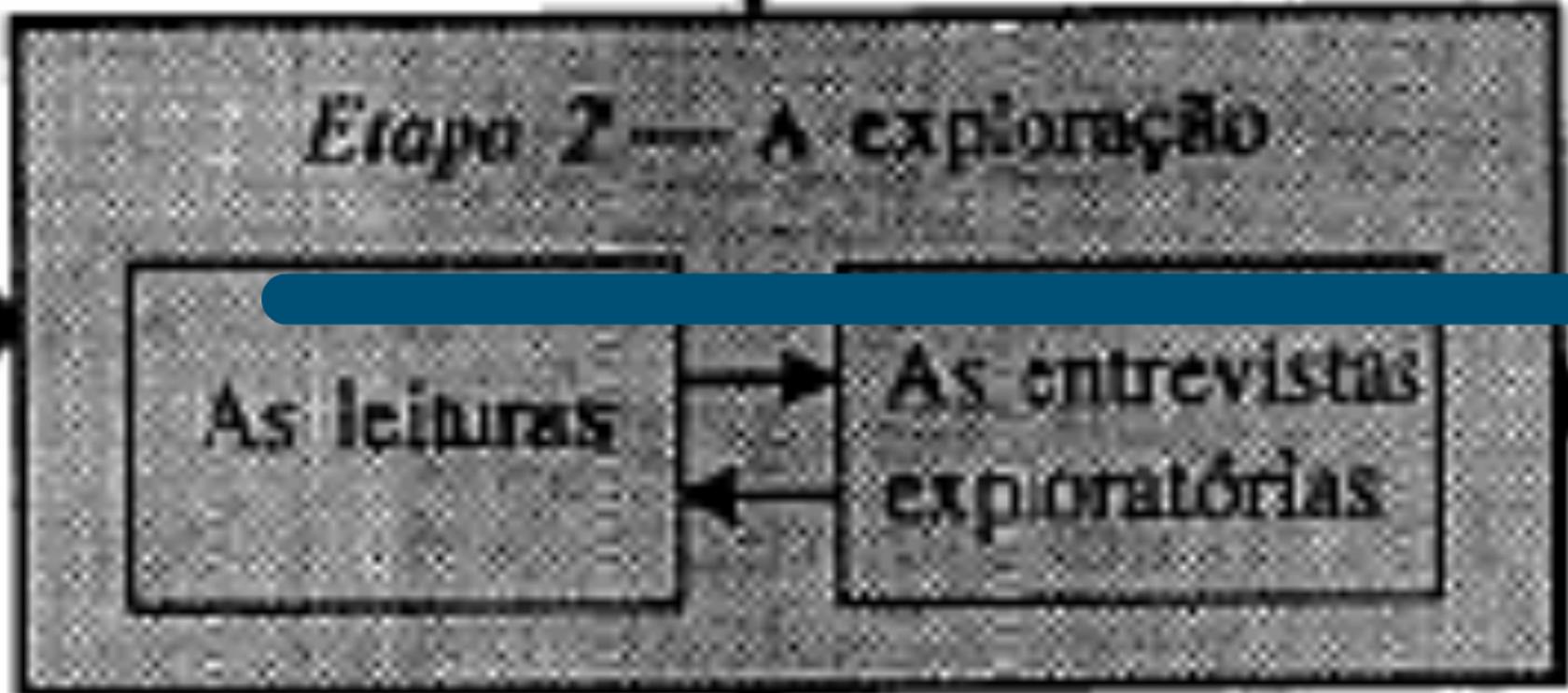
visa “assegurar a QUALIDADE da problematização”;

2. Entrevistas exploratórias e métodos complementares:

objetiva um “contato com a realidade vivida pelos atores sociais”.

(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.49)

Etapa 1 — A programação do processo



Etapa 3 — A interpretação dos dados



Segunda Etapa- A Exploração

PROCEDIMENTOS para se ter qualidade de informação:

1. Leitura:

visa “assegurar a QUALIDADE da problematização”;

2. Entrevistas exploratórias e métodos complementares:

objetiva um “contato com a realidade vivida pelos atores sociais”.

(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.49)

Informação
entrevistas
exploratórias

problematização

modelo de análise

observação

informações

1. A LEITURA

Deve ser “entrecortada de períodos de reflexão e, se possível, de debate e discussões” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.53)
a fim de “ULTRAPASSAR as interpretações estabelecidas, que contribuem para reproduzir a ordem das coisas, a fim de fazer aparecer novas significações dos fenômenos estudados, mais esclarecedoras e mais perspicazes do que as precedentes”
(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.49).

Tal capacidade depende da CULTURA INTELECTUAL do investigador (PENSADOR, sob o ponto de vista SOCIAL): “um convívio com o pensamento sociológico antigo e atual, por exemplo, contribui consideravelmente para alargar o campo das ideias (...). Todo o trabalho (...) se inscreve num continuum e pode ser SITUADO dentro de, ou em relação a, correntes de pensamento que o precedem e INFLUENCIAM (...): a VALIDADE EXTERNA” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.50).

1.1. A ESCOLHA E A ORGANIZAÇÃO DAS LEITURAS

“SELECIONAR muito cuidadosamente um pequeno numero de leituras e de se ORGANIZAR para delas tirar o máximo de proveito, o que implica um método de trabalho, corretamente elaborado” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.51).

a) Os critérios de escolha

Primeiro princípio: “começar pela **pergunta de partida**(...); um fio condutor. (...) Será, sem dúvida, levado a modificá-la no final do trabalho exploratório”;

Segundo princípio: “evitar sobrecarregar o programa, **selecionando** as leituras. (...) Os artigos de referencia repetem-se mutuamente” – uma **reflexão de síntese**;
(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.52)

Terceiro princípio: se ater a documentos que incluem análise e interpretação, e não só apresentação de dados – estimular a **reflexão crítica**;

Quarto princípio: “(...) recolher textos que apresentem **abordagens diversificadas** do fenómeno estudado” – confrontar perspectivas.

Quinto princípio: “oferecer-se (...) períodos de tempos consagrados à **reflexão pessoal** e às trocas de pontos de vista com colegas ou pessoas experientes.”
(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.53)

1. A ESCOLHA E A ORGANIZAÇÃO DAS LEITURAS

“SELECIONAR muito cuidadosamente um pequeno numero de leituras e de se ORGANIZAR para delas tirar o máximo de proveito, o que implica um método de trabalho, corretamente elaborado”
(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.51).

a) Os critérios de escolha

primeiro princípio: “começar pela pergunta de partida(...); um fio condutor. (...) será, sem dúvida, levado a modificá-la no final do trabalho exploratório”;

segundo princípio: “evitar sobrecarregar o programa, selecionando as leituras. (...)”

os artigos de referencia repetem-se mutuamente” – uma reflexão de síntese;
(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.52)

terceiro princípio: se ater a documentos que incluem análise e interpretação,

SELECIONAR muito cuidadosamente um pequeno número de leituras e de se **ORGANIZAR** para delas tirar o máximo de proveito, o que implica um método de trabalho, corretamente elaborado” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.51).

a) Os critérios de escolha

Primeiro princípio: “começar pela **pergunta de partida**(...); um fio condutor. (...) Será, sem dúvida, levado a modificá-la no final do trabalho exploratório”;

Segundo princípio: “evitar sobrecarregar o programa, **selecionando** as leituras. (...) Os artigos de referencia repetem-se mutuamente” – uma **reflexão de síntese**;
(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.52)

Terceiro princípio: se ater a documentos que incluem análise e interpretação, e não só apresentação de dados – estimular a **reflexão crítica**;

Quarto princípio: “(...) recolher textos que apresentem **abordagens diversificadas** do fenômeno estudado” – confrontar perspectivas.

Quinto princípio: “oferecer-se (...) períodos de tempos consagrados à **reflexão pessoal** e às trocas de pontos de vista com colegas ou pessoas experientes.”
(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.53)

b) Onde encontrar estes textos?

Antes de ir à biblioteca deve-se ter um **método de trabalho** – saber o que se procura (**reflexão**, não precipitação).

TRABALHO DE APLICAÇÃO N.º 2
ESCOLHA DAS PRIMEIRAS LEITURAS

Se a leitura desta obra for acompanhada da realização de um trabalho, chegou a altura de aplicar as sugestões aqui propostas. O exercício consiste em escolher os dois ou três textos que constituirão a sua primeira leva de leituras. Para o conseguir, proceda do seguinte modo:

1. Comece pela sua pergunta de partida;
2. Lembre-se dos critérios de escolha das leituras acima enunciados;
3. Identifique em conformidade os temas de leitura que lhe parecem mais relacionados com a pergunta de partida;
4. Consulte algumas pessoas informadas;
5. Proceda à pesquisa de documentos, valendo-se das técnicas de pesquisa bibliográfica disponíveis nas bibliotecas.

Figura 03: Escolha das Primeiras Leituras (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.57).

“A regra é sempre a mesma: antes de se lançar num trabalho, ganha-se muito em **questionar-se** o que dele se espera exatamente e qual a melhor forma de proceder”

(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.56).

Critérios de escolha das leituras apontados pelos autores:

Pedir conselhos a especialistas;

Não negligenciar as publicações especializada;

Procurar bibliotecas científica;

Consultar a bibliografia final de uma obra quando esta for recente;

Se atentar a índices e sumários (e quando estes não existem, ler início e fim dos capítulos) para ver de que tratam as obras;

Antes de procurar uma obra numa biblioteca, se informar dos serviços e técnicas facilitadoras que ela oferece (catalogação).

1.2. COMO LER

“O principal objetivo da leitura é retirar dela **ideias** para o nosso próprio trabalho. Isso implica que o leitor seja capaz de fazer surgir essas ideias, de as compreender em profundidade e de as articular entre si de forma coerente. (...) Esta **aprendizagem** precisa de ser sustentada por um **método de leitura**. (...) Com a finalidade de (...) dela retirar o máximo proveito, propomos que seja adotado, de início, um método de leitura muito rigoroso e preciso, mas que cada um poderá depois tornar mais flexível (...) em função das suas exigências. Este método é composto por duas etapas indissociáveis: o emprego de uma **grelha de leitura** (para ler em profundidade e com ordem) e a redação de um **resumo** (para destacar as ideias principais que merecem ser retidas)”

(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.57 e 58).

a) A grelha da leitura

TRABALHO DE APLICAÇÃO N.º 3
LEITURA DE UM TEXTO COM A AJUDA DE UMA GRELHA DE LEITURA

Divida uma folha de papel em duas colunas: dois terços à esquerda, um terço à direita. Inicie a coluna da esquerda **ideias conexas** e a da direita **tópicos para a estrutura do texto**.

Leia o texto de Durkheim seção por seção. Uma seção é um parágrafo ou um conjunto de frases que constitui um todo coerente. **Antes de ler cada seção, escreva na coluna da esquerda da sua folha a ideia principal do texto original. De-lhe o número de ordem da seção lida.** Continue assim, de seção em seção, sem se preocupar com a coluna da direita.

Concluído este trabalho, depois, na coluna da esquerda, crie principais ideias do texto original. Releia-a de forma a apreender as suas articulações e a discernir a estrutura global do pensamento do autor: as suas ideias mestras, as etapas do raciocínio e a complementaridade entre as partes. São estas articulações que devem aparecer na coluna da direita, «Tópicos para a estrutura do texto», em frente das ideias reunidas na da esquerda.

Chegado ao termo do exercício, compare o seu trabalho com a grelha de leitura que segue ao texto de Durkheim.

Não é importante que tenha escrito as mesmas frases que nós, mas sim que tenha **apreendido as ideias principais e a sua estrutura**. Multiplicando os exercícios deste tipo, melhorará consideravelmente a sua aptidão para a leitura, mesmo que a sua primeira tentativa não seja muito convincente.

Figura 04: Leitura de um texto com a ajuda de uma grelha de leitura. QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.58.

Ídeias-conexas	GRELHA DE LEITURA	Tópicos para a estrutura do texto
1. O sentido está preso demasiado nos pormenores e atira o seu olhar nos pormenores.		Problema: perder a unidade das ideias sobre a unidade
2. No mesmo momento só-conceito duas palavras diferentes, para entre si que se especificar o melhor possível a realidade das coisas é preciso compará-las no âmbito de uma mesma sociedade.		Estabelecimento do facto: que a ideia de coisa estabelece o pensamento e a relação entre coisas não se isolam
3. Quer se compare entre si os diferentes estados de um mesmo país (Alemanha), quer as diferentes províncias de um mesmo estado (França), observam-se que os indivíduos estão no mesmo estado de consciência e na relação inversa do número das coisas.		Primeira articulação: conceito e conceito estabelecido da relação a regra
4. A Natureza e a Sociedade parecem ser essenciais. Mas existem demasiada diferenças entre estas duas sociedades e os países da Europa central para que o pensamento se possa estabelecer. Se compararmos estas duas partes com as que têm o mesmo nível de civilização, e falta, por exemplo, observamos que nos primeiros se percebe os resultados das coisas, mas não das coisas em si mesmas, e a natureza a regra.		Primeira articulação: conceito e conceito estabelecido da relação a regra
5. Deve-se julgar os indivíduos segundo o mesmo nível que os indivíduos, por vezes animais. Os indivíduos são indivíduos. Não podem pretender, os indivíduos também o são. O facto de ser indivíduo tem, portanto, alguma importância.		Segunda articulação: a natureza dos indivíduos estabelece a natureza dos indivíduos
6. O facto de ser indivíduo apenas explica uma parte da diferença de indivíduos dos indivíduos sobre o indivíduo. Cada indivíduo, quando se apresenta ao indivíduo, recorre a mais do que os indivíduos maioritários.		Segunda articulação: a natureza dos indivíduos estabelece a natureza dos indivíduos
7. É no momento dos rituais religiosos que devemos procurar a explicação, e não nos princípios respeitantes ao indivíduo, cada que são indivíduos.		Terceira articulação: a natureza dos indivíduos estabelece a natureza dos indivíduos
8. A única diferença é o tipo ou o grau. Enquanto o indivíduo não o digre e não se apresenta, o indivíduo não se apresenta e o indivíduo não se apresenta. Isto favorece o individualismo religioso e a religião das coisas.		Terceira articulação: a natureza dos indivíduos estabelece a natureza dos indivíduos
9. Além de resultar do estabelecimento dos rituais religiosos e de dar maior importância ao pensamento individual, o pensamento como uma mesma coisa e própria cultura para ser os seus membros. É esta falta de integração que faz a diferença e explica o efeito mais elevado das sociedades nos indivíduos.		Terceira articulação: a natureza dos indivíduos estabelece a natureza dos indivíduos

Figura 04: Leitura de um texto com a ajuda de uma grelha de leitura. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.58).

TRABALHO DE APLICAÇÃO N.º 2

ESCOLHA DAS PRIMEIRAS LEITURAS

Se a leitura desta obra for acompanhada da realização de um trabalho, chegou a altura de aplicar as sugestões aqui propostas. O exercício consiste em escolher os dois ou três textos que constituirão a sua primeira leva de leituras. Para o conseguir, proceda do seguinte modo:

1. Comece pela sua pergunta de partida;
2. Lembre-se dos critérios de escolha das leituras acima enunciados;
3. Identifique em conformidade os temas de leitura que lhe parecem mais relacionados com a pergunta de partida;
4. Consulte algumas pessoas informadas;
5. Proceda à pesquisa de documentos, valendo-se das técnicas de pesquisa bibliográfica disponíveis nas bibliotecas.

Figura 03: Escolha das Primeiras Leituras
(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.57).



“A regra é sempre a mesma: antes de se lançar num trabalho, ganha-se muito em **questionar-se** o que dele se espera exatamente e qual a melhor forma de proceder”

(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.56).

Critérios de escolha das leituras apontados pelos autores:

TRABALHO DE APLICAÇÃO N.º 2

ESCOLHA DAS PRIMEIRAS LEITURAS

Se a leitura desta obra for acompanhada da realização de um trabalho, chegou a altura de aplicar as sugestões aqui propostas. O exercício consiste em escolher os dois ou três textos que constituirão a sua primeira leva de leituras. Para o conseguir, proceda do seguinte modo:

1. Comece pela sua pergunta de partida;
2. Lembre-se dos critérios de escolha das leituras acima enunciados;
3. Identifique em conformidade os temas de leitura que lhe parecem mais relacionados com a pergunta de partida;
4. Consulte algumas pessoas informadas;
5. Proceda à pesquisa de documentos, valendo-se das técnicas de pesquisa bibliográfica disponíveis nas bibliotecas.

Figura 03: Escolha das Primeiras Leituras
(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.57).

Critérios de escolha das leituras apontados pelos autores:

Pedir conselhos a especialistas;

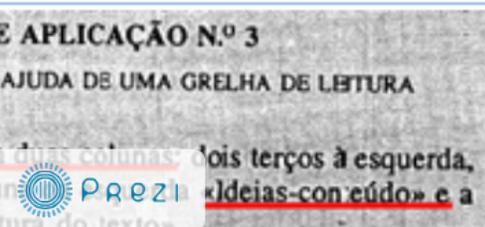
Não negligenciar as publicações especializada;

Procurar bibliotecas científica;

Consultar a bibliografia final de uma obra quando esta for recente;

Se atentar a índices e sumários (e quando estes não existem, ler início e fim dos capítulos) para ver de que tratam as obras;

Antes de procurar uma obra numa biblioteca, se informar dos serviços e técnicas facilitadoras que ela oferece (catalogação).



Ideias-conteúdo	GRELHA DE LEITURA	Tópicos para a estrutura do texto
1. O suicídio está pouco desenvolvido nos países católicos e atinge o seu máximo nos países protestantes.		<u>Projecto</u> : precisar a influência das religiões sobre o suicídio
2. No entanto, o contexto sócio-económico destes países é diferente; para evitar qualquer erro e especificar o melhor		

– saber o que se procura (**reflexão**)

TRABALHO DE APLICAÇÃO N.º 2

ESCOLHA DAS PRIMEIRAS LEITURAS

Se a leitura desta obra for acompanhada da realização de um trabalho, chegou a altura de aplicar as sugestões aqui propostas. O exercício consiste em escolher os dois ou três textos que constituirão a sua primeira leva de leituras. Para o conseguir, proceda do seguinte modo:

1. Comece pela sua pergunta de partida;
2. Lembre-se dos critérios de escolha das leituras acima enunciados;
3. Identifique em conformidade os temas de leitura que lhe parecem mais relacionados com a pergunta de partida;
4. Consulte algumas pessoas informadas;
5. Proceda à pesquisa de documentos, valendo-se das técnicas de pesquisa bibliográfica disponíveis nas bibliotecas.

Figura 03: Escolha das Primeiras Leituras (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.57).

1.2. COMO LER

“O principal objetivo da leitura é retirar dela **ideias** para o nosso próprio trabalho. Isso implica que o leitor seja capaz de fazer surgir essas ideias, de as compreender em profundidade e de as articular entre si de forma coerente. (...) Esta **aprendizagem** precisa de ser sustentada por um **método de leitura**. (...) Com a finalidade de (...) dela retirar o máximo proveito, propomos que seja adotado, de início, um método de leitura muito rigoroso e preciso, mas que cada um poderá depois tornar mais flexível (...) em função das suas exigências. Este método é composto por duas etapas indissociáveis: o emprego de uma **grelha de leitura** (para ler em profundidade e com ordem) e a redação de um **resumo** (para destacar as ideias principais que merecem ser retidas)”

(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p.57 e 58).

a) A grelha da leitura

TRABALHO DE APLICAÇÃO N.º 3

LEITURA DE UM TEXTO COM A AJUDA DE UMA GRELHA DE LEITURA

Divida uma folha de papel em duas colunas: dois terços à esquerda, um terço à direita. Intitule a coluna da esquerda «Ideias-coneúdo» e a da direita «Tópicos para a estrutura do texto».

Leia o texto de Durkheim secção por secção. Uma secção é um parágrafo ou um conjunto de frases que constituem um todo coerente. Após a leitura de cada secção, escreva na coluna da esquerda da sua folha a ideia principal do texto original. Dê-lhe o número de ordem da secção lida. Continue assim, de secção em secção, sem se preocupar com a coluna da direita.

Concluído este trabalho, dispõe, na coluna da esquerda, as principais ideias do texto original. Releia-a de forma a apreender as suas

Leia o texto de Durkheim secção por secção. Uma secção é um parágrafo ou um conjunto de frases que constituem um todo coerente. Após a leitura de cada secção, escreva na coluna da esquerda da sua folha a ideia principal do texto original. Dê-lhe o número de ordem da secção lida. Continue assim, de secção em secção, sem se preocupar com a coluna da direita.

Concluindo este trabalho, dispõe, na coluna da esquerda, as principais ideias do texto original. Releia-a de forma a apreender as suas articulações e a discernir a estrutura global do pensamento do autor: as suas ideias mestras, as etapas do raciocínio e a complementaridade entre as partes. São estas articulações que devem aparecer na coluna da direita, «Tópicos para a estrutura do texto», em frente das ideias reunidas na da esquerda.

Chegado ao termo do exercício, compare o seu trabalho com a grelha de leitura que segue o texto de Durkheim.

Não é importante que tenha escrito as mesmas frases que nós, mas sim que tenha apreendido as ideias principais e a sua estrutura. Multiplicando os exercícios deste tipo, melhorará consideravelmente a sua habilidade para a leitura..., mesmo que a sua primeira tentativa não seja

Ideias-conteúdo	GRELHA DE LEITURA	Tópicos para a estrutura do texto
1. O suicídio está pouco desenvolvido nos países católicos e atinge o seu máximo nos países protestantes.		<u>Projecto</u> : precisar a influência das religiões sobre o suicídio
2. No entanto, o contexto sócio-económico destes países é diferente; para evitar qualquer erro e especificar o melhor possível a influência destas religiões é preciso compará-las no seio de uma mesma sociedade.		
3. Quer se comparem entre si os diferentes estados de um mesmo país (Alemanha), quer as diferentes províncias de um mesmo estado (Baviera), observa-se que os suicídios estão na razão directa do número de protestantes e na razão inversa do número dos católicos.		<u>Estabelecimento dos factos com a ajuda de dados estatísticos</u> : o protestantismo é a religião cujos crentes mais se suicidam
4. A Noruega e a Suécia parecem ser excepções. Mas existem demasiadas diferenças entre estes países escandinavos e os países da Europa central para que o protestantismo aí produza os mesmos efeitos. Se compararmos estes dois países com os que têm o mesmo nível de civilização, a Itália, por exemplo, observamos que nos primeiros as pessoas se matam duas vezes mais. Estas duas «excepções» tendem, assim, a confirmar a regra.		Falsa excepção que confirma a regra
5. Entre os judeus os suicídios situam-se ao mesmo nível que nos católicos, por vezes abaixo. Os judeus são minoritários. Nos países protestantes, os católicos também o são. O facto de ser minoritário tem, portanto, alguma influência.		<u>Primeira explicação possível</u> : o carácter minoritário da religião
6. O facto de ser minoritário apenas explica uma parte da diferença de influência das religiões sobre o suicídio. Com efeito, quando os protestantes são minoritários, suicidam-se mais do que os católicos majoritários.		= explicação insuficiente
7. É na natureza dos sistemas religiosos que devemos procurar a explicação, e não nos princípios respeitantes ao suicídio, dado que são idênticos.		<u>Segunda explicação</u> : a natureza dos sistemas religiosos
8. A única diferença é o livre exame. Enquanto o catolicismo dita o dogma e exige uma fé cega, o protestantismo admite que o indivíduo elabore a sua crença. Isto favorece o individualismo religioso e a multiplicação das seitas.		<u>Diferença importante</u> : o livre exame...
9. Além de resultar do enfraquecimento das antigas crenças e de dar mais importância ao pensamento individual, o protestantismo conta com menos crenças e práticas comuns para unir os seus membros. É esta falta de integração que faz a diferença e explica o nível mais elevado dos suicídios nos protestantes.		... <u>que leva a uma integração mais fraca</u> , o que favorece o suicídio

Figura 05: Leitura de um texto com a ajuda de uma grelha

de leitura (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998. p.58).

numa biblioteca, se informar dos serviços e oferece (catalogação).

Ideias-conteúdo	GRELHA DE LEITURA	Tópicos para a estrutura do texto
1. O suicídio está pouco desenvolvido nos países católicos e atinge o seu máximo nos países protestantes.		<u>Projecto</u> : precisar a influência das religiões sobre o suicídio
2. No entanto, o contexto sócio-económico destes países é diferente; para evitar qualquer erro e especificar o melhor possível a influência destas religiões é preciso compará-las no seio de uma mesma sociedade.		
3. Quer se comparem entre si os diferentes estados de um mesmo país (Alemanha), quer as diferentes províncias de um mesmo estado (Baviera), observa-se que os suicídios estão na razão directa do número de protestantes e na razão inversa do número dos católicos.		<u>Estabelecimento dos factos com a ajuda de dados estatísticos</u> : o protestantismo é a religião cujos crentes mais se suicidam
4. A Noruega e a Suécia parecem ser excepções. Mas existem demasiadas diferenças entre estes países escandinavos e os países da Europa central para que o protestantismo aí produza os mesmos efeitos. Se compararmos estes dois países com os que têm o mesmo nível de civilização, a Itália, por exemplo, observamos que nos primeiros as pessoas se matam duas vezes mais. Estas duas «excepções» tendem, assim, a confirmar a regra.		Falsa excepção que confirma a regra
5. Entre os judeus os suicídios situam-se ao mesmo nível que nos católicos, por vezes abaixo. Os judeus são minoritários. Nos países protestantes, os católicos também o são. O facto de ser minoritário tem, portanto, alguma influência.		<u>Primeira explicação possível</u> : o carácter minoritário da religião
6. O facto de ser minoritário apenas explica uma parte da diferença de influência das religiões sobre o suicídio. Com efeito, quando os protestantes são minoritários, suicidam-se mais do que os católicos maioritários.		= explicação insuficiente
7. É na natureza dos sistemas religiosos que devemos procurar a explicação, e não nos princípios respeitantes ao dado que são idênticos.		<u>Segunda explicação</u> : a natureza dos sistemas religiosos

articulações e a discernir a estrutura global do pensamento do autor: as suas ideias mestras, as etapas do raciocínio e a complementaridade entre as partes. São estas articulações que devem aparecer na coluna da direita, «Tópicos para a estrutura do texto», em frente das ideias reunidas na da esquerda.

Chegado ao termo do exercício, compare o seu trabalho com a grelha de leitura que segue o texto de Durkheim.

Não é importante que tenha escrito as mesmas frases que nós, mas sim que tenha apreendido as ideias principais e a sua estrutura. Multiplicando os exercícios deste tipo, melhorará consideravelmente a sua aptidão para a leitura..., mesmo que a sua primeira tentativa não seja muito convincente.

Figura 04: Leitura de um texto com a ajuda de uma grelha de leitura (QUIVY e CAMPENHOUDT, 1998; p.58).

MANUAL DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Raymond Quivy
Luc Van Campenhoutt

Biografia dos autores

Raymond Quivy

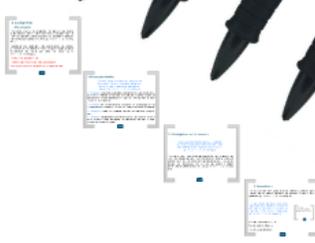
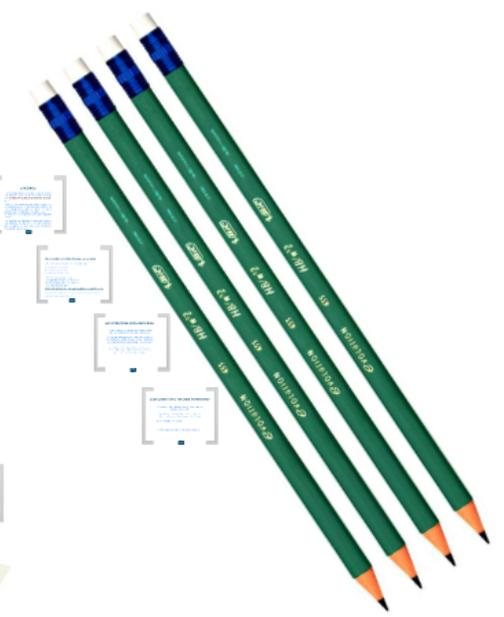
Enseñante de Ciências Políticas e Sociologia da Universidade Católica de Louvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica e Professor de Metodologia Científica de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil, onde também é Diretor de Pós-graduação em Ciências Sociais.



Luc Van Campenhoutt

Revisor em Inglês, Francês, em Louvain-la-Neuve, Bélgica e Professor de Metodologia Científica de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil, onde também é Diretor de Pós-graduação em Ciências Sociais.

1974



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Quivy, Raymond. Metodologia Científica: Manual de Investigação em Ciências Sociais. 1974. 198 pp. Rio de Janeiro: LTC, 1974.
Quivy, Raymond. Metodologia Científica: Manual de Investigação em Ciências Sociais. 1974. 198 pp. Rio de Janeiro: LTC, 1974.
Quivy, Raymond. Metodologia Científica: Manual de Investigação em Ciências Sociais. 1974. 198 pp. Rio de Janeiro: LTC, 1974.
Quivy, Raymond. Metodologia Científica: Manual de Investigação em Ciências Sociais. 1974. 198 pp. Rio de Janeiro: LTC, 1974.
Quivy, Raymond. Metodologia Científica: Manual de Investigação em Ciências Sociais. 1974. 198 pp. Rio de Janeiro: LTC, 1974.

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PósARQ
Disciplina: Metodologia Científica Aplicada
Professora: Sonia Afonso
Grupo: Douglas Brombilla, Isabele Fritsche,
Jose Leal, Juliano Miotto e Vivian Delatorre

O RESUMO

"Fazer resumo de um texto consiste em destacar as suas principais idéias e as suas articulações, de modo a fazer aparecer a unidade de pensamento do autor."
p.62

"Constitui simultaneamente um exercício e um teste de compreensão, (...) se não conseguir tornar o seu texto compreensível para os outros , é muito provável que ele ainda não o seja para si." p.63

O resumo é o instrumento ideal para comparar textos.

"Ao longo do seu trabalho de resumo não esqueça a sua pergunta de partida e seja particularmente preciso quanto às idéias que estão diretamente relacionadas com ela." p.65

COMPARAÇÃO DE TEXTOS COM BASE EM RESUMOS

1º CRITÉRIO: OS PONTOS DE VISTA ADOTADOS

- a) as convergências entre eles;
- b) as divergências entre eles;
- c) as suas complementaridades;

2º CRITÉRIO: OS CONTEÚDOS:

- a) concordâncias manifestas entre eles;
- b) os desacordos manifestos entre eles;
- c) as complementaridades;

DESTACAR PISTAS PARA O PROSSEGUIMENTO DA INVESTIGAÇÃO

Quais das leituras estão mais relacionadas com a pergunta de partida?

Que pistas sugerem essas leituras?

AS ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS

"Leituras e entrevistas exploratórias devem ajudar a constituir a problemática de investigação". p.67

"(...) têm por função revelar luz sobre certos aspectos do fenómeno estudado, nos quais o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo". p.67

CUIDADO! ENTREVISTAS PODEM DAR A FALSA IMPRESSÃO DE QUE SÃO MAIS TRANSPARENTES QUE UMA LEITURA APROFUNDADA.

COM QUEM É ÚTIL TER UMA ENTREVISTA?

a) Docentes, investigadores especializados e peritos no objeto de estudo;

QUANTO MELHOR O PROBLEMA DE PESQUISA FORMULADO MAIS PROVEITOSA A ENTREVISTA.

b) Testemunhas Privilegiadas;

c) Público que o estudo diz diretamente respeito;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. Manual de Investigação de Ciências Sociais. 2. ed. Janeiro, 1998. 282 p.

Figura 01: QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan. Manual de Investigação de Ciências Sociais. 2. ed. Janeiro, 1998. p.29

Figura 02: QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan. Manual de Investigação de Ciências Sociais. 2. ed. Janeiro, 1998. p.48.

Figura 03: QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan. Manual de Investigação de Ciências Sociais. 2. ed. Janeiro, 1998. p.57.

Figura 04: QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan. Manual de Investigação de Ciências Sociais. 2. ed. Janeiro, 1998. p.58.

Figura 05: QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan. Manual de Investigação de Ciências Sociais. 2. ed. Janeiro, 1998. p.63.